

Doutrina de Deus: Trindade (Parte 10): A Relação entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo

Seção 05 / Aula 10

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 09/07/2025, 20:00:06 (horário de São Paulo)

Aula original: 2016-09-21

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 05](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 22/10/2026.

A geração eterna e a igualdade divina

Bem, ao nos aproximarmos do fim da nossa discussão sobre a Trindade eu me concentrei em uma característica do modelo que considero interessante, e é o fato de que o modelo que propus da Trindade – de Deus como uma alma tri-pessoal – não apresenta (embora também não exclua) a derivação de uma pessoa da Trindade a partir de outra. Ele não inclui a noção de que o Filho é eternamente gerado pelo Pai. Sugerir na última vez que acho bom que o modelo deixe essa questão em aberto porque a doutrina da geração do Filho pelo Pai em sua natureza divina (em oposição à humana) não é atestada biblicamente. Também parece introduzir um elemento inevitável de subordinacionismo na divindade o que pareceria tornar o Filho inferior ao Pai porque apenas o Pai é ingênito (não gerado) que existe de forma autoexistente, e o Filho tem o fundamento de seu ser no Pai e, portanto, tem uma espécie de existência derivada que, para mim ao menos, parece tornar o Filho discutivelmente inferior ao Pai.

É muito interessante notar que os pais da igreja primitiva interpretaram este texto-prova ariano (João 14:28), “O Pai é maior do que eu,” não em termos da humanidade de Cristo, mas em termos de ele ser gerado eternamente pelo Pai. Atanásio, por exemplo, afirma que a razão pela qual o Pai é maior que o Filho é porque apenas o Pai é ingênito. De forma semelhante, Hilário (outro pai da igreja) diz: “O Pai é maior do que o Filho: pois é manifesto que Ele é maior Aquele que faz outro ser tudo aquilo que Ele mesmo é, Que transmite ao Filho, pelo mistério do nascimento, a imagem de Sua própria natureza ingênita, Que o gera de Si mesmo em Sua própria forma”. Isso não torna o Filho, então, inferior ao Pai é a fonte e a origem do Filho? Hilário nega isso. Hilário diz: “O Pai, portanto, é maior, porque Ele é Pai: mas o Filho, porque Ele é Filho, não é menor”. O Pai é maior do que o Filho, mas o Filho não é menor do que o Pai. Isso é apenas falar um absurdo lógico.

É como dizer que seis é maior do que três, mas três não é menor do que seis. Isso simplesmente não faz sentido lógico. Basílio, um dos pais capadócios da Igreja,^[1] vê a contradição na afirmação de Hilário, mas ele tenta evitar essa contradição dizendo, e cito: “a solução evidente é que o Maior se refere à origem, enquanto o Igual pertence à Natureza.” Então o que Basílio está dizendo é que o Pai é maior em termos de origem (porque ele é ingênito enquanto o Filho é gerado), mas em termos de natureza ambos compartilham da mesma natureza e, portanto, são iguais. Essa resposta me parece levantar várias questões complicadas. Não pertence à natureza do Pai, como pessoa individual, ser ingênito? E não pertence à natureza do Filho, como pessoa individual, ser gerado? Ou existe um mundo possível em que o Pai é gerado e não ingênito? A teologia trinitária clássica negaria isso.

Então como o Pai e o Filho são iguais em natureza se grandeza se refere à origem e a maneira de sua origem é essencial para suas naturezas individuais? Se você pensar sobre isso, suponha que eles são iguais em natureza, mas que o Pai tem a propriedade contingente de ser ingênito e o Filho tem a propriedade contingente de ser gerado. Nesse caso, eles têm a mesma natureza, mas o Pai ainda tem essa propriedade contingente de ser ingênito, uma propriedade que o Filho não tem. Isso não o tornaria maior do que o Filho, pelo menos nesse aspecto? Parece-me que sim. Então, no fim das contas, o que Basílio tem a dizer é que ter autoexistência não é, afinal, uma perfeição ou uma propriedade que torna alguém maior. Ele diz, e cito: “Aquele que é de tal Causa não é inferior àquele que não tem Causa; pois ele compartilharia da glória do Inoriginado, porque é do Inoriginado” (Gregório de Nazianzo, Quarta Oração Teológica, §7). Isso me parece não ser uma resposta convincente.

Depender do ser inoriginado para a própria existência é carecer de um fundamento do ser em si mesmo, e isso certamente não é tão grandioso quanto ser um ser autoexistente, capaz de existir por si só. Tem o fundamento de sua existência em si mesmo. Esse tipo de ser derivado é da mesma forma como as criaturas existem. As criaturas existem em virtude de serem causadas por outro. Portanto, apesar das negações em contrário, parece-me que a ortodoxia nicena não eliminou completamente o tipo de subordinacionismo que foi introduzido na doutrina da Trindade pelos apologistas gregos primitivos com sua doutrina do Logos. Deixe-me pausar neste ponto e perguntar se há algum comentário ou pergunta até aqui, antes de prosseguirmos, Cody.

Discussão: textos bíblicos e analogias

Estudante: Eu sei que falamos sobre isso um pouco fora da aula, mas acho que seria útil trazer isso à tona. Então eu queria saber se o senhor poderia comentar sobre João 6:57, que parece que poderia ser usado como um texto-prova pelos nicenos onde Jesus diz: “Eu vivo por causa do Pai”?

Dr. Craig: Certo, falamos sobre isso fora da aula. Acho que disse que, ao se olhar o contexto ali, o que ele está falando é sobre a vida da ressurreição. Não está falando sobre autoexistência ou esses tipos de questões metafísicas. Está falando sobre a vida da ressurreição que o Filho tem. Portanto, não acho que, tomado em contexto, isso seja relevante para esta questão. Sim, Bruce?

Estudante: Isso está relacionado à processão – essa ideia da procedência do Filho e tal. Sempre gostei do exemplo da Trindade com a água congelada – não apenas água, mas o sistema. Um copo de água com gelo tem cubos, tem água, e tem vapor por cima. Estou preparando uma lição esta semana – Trindade e encarnação no nosso estudo bíblico. Estava pensando nisso. Uma extensão disso é que, se água é um cubo, ela se torna... nem sempre como sistema, você tem um pouco de água e um pouco de vapor por cima... mas o cubo se tornará água e a água se tornará vapor se for deixada lá. Então essas são a mesma substância (ontologicamente), mas funções diferentes. Vapor é bom em alguns lugares, mas não em outros. Água é boa em alguns lugares, mas não em outros. E cubos são bons em alguns lugares e não em outros. Vejo isso relacionado a ser algo funcional ou em termos dessa diferenciação de personalidades.

Dr. Craig: Por mais apropriada que a analogia possa ser, é apenas uma analogia ou ilustração. Não acho que ela trate da questão filosófica ou teológica que estou tentando levantar, e que é o fato de que ter um ser derivado não é tão grandioso quanto ter um fundamento de existência em

si mesmo. Ainda assim, é isso que a doutrina nicena da geração do Filho afirma. E me parece que isso torna difícil pensar no Pai, no Filho e no Espírito como plenamente iguais.

Estudante: Algumas dessas pessoas não estão tornando isso mais complicado do que precisa ser?

Dr. Craig: Acho que sim!

Estudante: No princípio (como sabemos, não houve princípio para a divindade, ela não tem princípio), a segunda pessoa da Trindade estava lá – o Logos. Ele estava lá. A única coisa que foi gerada aqui para a encarnação foi o corpo no qual a segunda pessoa da Trindade concordou em habitar para cumprir esta expiação (que o senhor está estudando agora). Sim. Portanto, ele não criou a segunda pessoa da Trindade. Ele criou o corpo no qual a segunda pessoa da Trindade concordou em habitar para que pudesse morrer por nós. Não entendo todo esse problema com tentar dizer “Cristo foi criado por Deus?” Bem, o corpo de Jesus Cristo foi, sim, criado por Deus, mas o espírito (a alma) de Jesus Cristo como a segunda pessoa da Trindade certamente não foi criado por Deus.

Dr. Craig: Acho que a visão que você está expressando é semelhante à visão que eu estou querendo propor. Mas não é a visão da ortodoxia nicena clássica. Quando ouvimos, acho que como cristãos hoje, que Jesus é o Filho unigênito do Pai, pensamos na encarnação, não é? Pensamos no nascimento virginal. Pensamos em sua natureza humana. Mas o ponto que estou fazendo é que, quando você lê o credo e os teólogos que o antecederam, o que eles estão falando não é sobre Jesus ser gerado em sua natureza humana. Eles estão falando sobre ele ser gerado em sua natureza divina – que antes da criação do universo havia Pai, Filho e Espírito Santo... Usei a palavra “criado?” Não deveria ter dito “criado” se disse. Quis dizer “gerado.” Ele não é criado. Ele é gerado do Pai eternamente. Então, na divindade desde a eternidade anterior à criação há o Pai que é ingênito e então o Filho que é derivado do Pai – gerado, o Logos é derivado do Pai – e então o Espírito deriva de um ou de ambos.

Se você acha isso, como disse, excessivamente complicado, simpatizo com você. Mas estou tentando lhe dar um entendimento preciso do que o Credo Niceno afirma.

Estudante: Só uma pergunta de acompanhamento. O que há de errado com essas pessoas?

Dr. Craig: Sabe de uma coisa? Essa é uma excelente pergunta. Acho que é devido à Cristologia do Logos desses primeiros apologistas gregos. Lembre-se de que eles estavam lutando para explicar como o Pai é divino e como o Filho é divino e ainda assim você não tem dois deuses. Essa é uma questão difícil. A maneira como eles resolveram isso foi dizendo que o Filho é o Logos ou a mente do Pai e ele procedeu do Pai como uma espécie de pessoa separada. E a ortodoxia nicena nunca abandonou completamente essa doutrina do Logos da derivação da segunda pessoa a partir da primeira pessoa da Trindade.

Estudante: Então, em minhas leituras, eu estava pensando que isso tinha algo a ver com isso. Mas, uma das coisas que me preocupavam, já que estamos falando sobre Cristo sendo gerado do Pai, e eu estava me perguntando, considerando João capítulo 12, versículos 48 a 50, eu estava curioso sobre sua vontade. Se as palavras de Jesus que ele falou – as coisas que ele disse – foram do Pai e não dele mesmo – são suas próprias palavras, as coisas que ele diz, do Pai?

Dr. Craig: O que você está mencionando são versículos no capítulo doze de João, onde Jesus diz coisas assim: Eu não falei por minha própria autoridade. O Pai que me enviou me deu ordem sobre o que dizer e o que falar. O que eu digo, portanto, digo conforme o Pai me ordenou. Você sabe que em outro lugar em João Jesus diz algo muito semelhante sobre o Espírito Santo – Ele não falará por sua própria autoridade, mas ele me glorificará – o que indica uma espécie de subordinação do Filho ao Pai. Agora, dito isso, isso forma uma boa transição para a próxima seção onde quero falar sobre a diferença entre a Trindade ontológica (que é a divindade em si mesma) e a Trindade econômica (que são os papéis desempenhados por essas várias pessoas no plano da salvação). E acho que é a Trindade econômica que está evidente nesses versículos, como veremos agora. Ben, você tinha um comentário?

Discussão: encarnação e nomes de Cristo

Estudante: Eu estava curioso, acho que tenho uma ideia de onde o senhor pode ir com a resposta a isso, mas o que comentaria sobre a noção de que a segunda pessoa da Trindade – o Filho – está intrinsecamente ligada à humanidade? Em outras palavras, se você pedisse a alguém para definir Jesus Cristo, essa pessoa definiria Jesus Cristo como Deus em forma humana, ponto final. E, em outras palavras, Jesus Cristo, a segunda pessoa da Trindade, é intrinsecamente humano e definido como tendo uma natureza humana. Por exemplo, penso nas teofanias do Antigo Testamento. Sempre que vemos Deus personificado e agindo como um humano, dizemos que isso pode ser uma teofania – isso é Jesus Cristo. Então o senhor diria que a segunda pessoa da Trindade ou Jesus Cristo está intrinsecamente ligada à sua humanidade e sempre esteve, e que sua existência fora do mundo é como nós existiremos?

Quando morrermos e formos para o céu, ainda teremos uma alma humana mesmo sem um corpo humano; Jesus Cristo ainda tem uma alma humana porque isso faz parte da definição de quem ele é.

Dr. Craig: Eu resistiria fortemente a isso. Isso tornaria o corpo de Cristo essencial à segunda pessoa da Trindade, e acho isso muito problemático. Não acho que Jesus tinha um corpo antes da encarnação, então isso não é essencial para ele. Certamente antes (por assim dizer) da existência do universo, a segunda pessoa da Trindade não tinha corpo ou natureza humana. Portanto, não é essencial. Além disso, há mundos possíveis em que Deus nunca cria e existe sozinho, caso em que a segunda pessoa da Trindade não tem um corpo. E pode até haver mundos possíveis onde nunca há uma encarnação, por qualquer motivo. Portanto, acho que devemos resistir a dizer que ter uma natureza humana é intrínseco ou essencial à natureza da segunda pessoa da Trindade. Isso me parece ser uma propriedade contingente da segunda pessoa da Trindade, adotada por causa da nossa salvação.

Estudante: Certo, e uma pequena perguntinha de acompanhamento, o senhor diria que a segunda pessoa da Trindade, o Filho de Deus, é exatamente sinônimo de Jesus Cristo?

Dr. Craig: Quando você fala de sinônimos, está falando de palavras, não de coisas. Certo. Não de coisas. Está falando de palavras. Então não sei como alguém diria... provavelmente você não diria que essas palavras são sinônimas: Filho de Deus, Jesus Cristo. O que eu diria é que ambas se referem à mesma pessoa. Essas duas expressões – a primeira delas, Filho de Deus, é o que os linguistas chamam de descrição definida como “o homem de terno cinza,” “a cadeira ao lado da mesa,” “o prédio mais alto de Nova York.” Essas são descrições definidas. O Filho de

Deus é uma descrição definida. Jesus Cristo é um nome próprio, como Ben ou Jim ou Cindy. E o que diríamos é que, em ambos os casos, essas duas expressões linguísticas (uma descrição definida, outra um nome próprio) ambas têm a mesma pessoa – a mesma entidade – como sua denotação ou seu referente. Elas se referem à mesma pessoa.

Estudante: Posso estar entendendo mal onde o senhor quer chegar, então me corrija se eu estiver errado, mas se estiver sugerindo que Cristo se tornou o gerado na encarnação (se é isso que está sugerindo) então seria verdade que o Pai não era “o Pai” e o Filho não era “o Filho” até a encarnação? Eles não teriam essa relação entre si?

Trindade ontológica e econômica

Dr. Craig: Certo, temos flertado com essa questão há algum tempo. Então agora vamos prosseguir e falar sobre isso. Suponha que abandonemos da doutrina da Trindade a noção de que o Filho e o Espírito procedem eternamente do Pai. Lembre-se de que eu disse que o modelo que propus não apresenta isso, embora também não o exclua. Então suponhamos que o abandonemos. Como, então, devemos entender as relações intra-trinitárias? Aqui quero traçar essa distinção entre a Trindade ontológica e a Trindade econômica. Por Trindade ontológica, quero dizer a Trindade como ela existe em si mesma, à parte do relacionamento de Deus com a criação. Essa é a Trindade ou Deus na medida em que ele existe em si mesmo, separado de qualquer relação com a ordem criada. A Trindade econômica refere-se aos diferentes papéis desempenhados pelas pessoas da Trindade em relação ao mundo e, em particular, ao plano da salvação.

Então a pergunta que é levantada é: até que ponto a Trindade econômica é um reflexo da Trindade ontológica? Aqui quero mencionar um pai da igreja que talvez não seja tão conhecido por vocês, mas importante em sua época – Marcelo de Ancira. Marcelo foi um dos líderes no Concílio de Niceia que defendeu a causa ortodoxa. Mas, ao ler o Evangelho de João, Marcelo percebeu que o Logos não é referido como “o Filho” até depois da encarnação. Na verdade, seria difícil encontrar em qualquer lugar do Novo Testamento uma referência inequívoca ao Cristo pré-encarnado como “o Filho.” Agora, essas observações levaram Marcelo a levantar a hipótese de que, antes da criação, a Trindade econômica simplesmente não existia. O Logos se torna “o Filho” apenas com sua encarnação. Então, na visão de Marcelo, as relações na Trindade econômica nem sempre refletem as distinções dentro da Trindade ontológica.

De forma semelhante, no modelo que apresentei, as pessoas da Trindade ontológica podem ser tão semelhantes entre si quanto três indivíduos podem ser em termos de terem o mesmo conhecimento, o mesmo amor, a mesma vontade, embora cada um a partir de sua própria perspectiva em primeira pessoa. E assim pode muito bem ser arbitrário qual pessoa escolhe desempenhar o papel de Pai, Filho e Espírito Santo. Esses títulos referem-se à Trindade econômica – as relações desempenhadas pelas três pessoas no plano da salvação com respeito à ordem criada. “O Filho” é qualquer um dos três que se torna encarnado e assume uma natureza humana. “O Espírito” é aquele que ocupa o lugar e continua o ministério do Filho. E “o Pai” é aquele que envia o Filho e o Espírito. Mas em um mundo possível no qual Deus não criou nenhum mundo e existiu sozinho a Trindade econômica não existiria, embora a Trindade ontológica existisse.

Agora, em contraste com Marcelo, não precisamos dizer que a Trindade econômica começou no momento da criação, como ele pensava. Poderíamos dizer que a Trindade econômica existe eternamente porque as pessoas da Divindade sempre souberam os respectivos papéis que desempenhariam no plano da salvação. Elas têm presciência dos diferentes papéis que desempenharão mesmo que a aplicação dessa economia não ocorra até a plenitude do tempo quando Cristo eventualmente se torna encarnado, e assim por diante. Nessa visão, a Trindade econômica pode ser tão eterna quanto a Trindade ontológica, mas ela não é fundamental à natureza de Deus ou das pessoas. Embora não concordassem com a visão um tanto excêntrica de Marcelo, tanto Atanásio quanto os outros membros do partido niceno continuaram a apoiá-lo. Embora ele estivesse forçando os limites da ortodoxia, sentiram que ele ainda era um dos seus e parte do partido ortodoxo.

Nesta visão, dentro da Trindade econômica há subordinação (ou talvez uma palavra melhor seria submissão) de uma pessoa a outra. Como lemos na Escritura há pouco, o Filho se submete e faz a vontade do Pai, e o Espírito não fala por si mesmo, mas fala em nome do Filho. Essa Trindade econômica não reflete ou espelha diferenças na Trindade ontológica entre as pessoas. Em vez disso, a Trindade econômica é uma expressão da livre e amorosa condescendência de Deus em nosso favor, para a nossa salvação. Então, nessa visão, o erro da Cristologia do Logos foi confundir a Trindade econômica com a Trindade ontológica e, assim, introduzir esse subordinacionismo na própria natureza de Deus, em vez de vê-lo como puramente funcional. Então esses são meus comentários sobre essa questão. É altamente controversa, e tentei representar de forma justa o que a ortodoxia nicena sustenta e como essa visão diferiria dela.

Mas o modelo não exclui, como disse, a processão de uma pessoa a partir de outra mas simplesmente não a inclui, e me parece que isso é uma força do modelo à luz desses comentários. Sim. Kevin?

Discussão: geração e igualdade

Estudante: Sim, isso também está relacionado ao que discutimos antes, mas... então... eu acho que... como o senhor responderia ao falar sobre existência, processão e geração? Muitos teólogos católicos que são muito obviamente... eles se apegam àquela geração nicena. Eles diriam que (acho que até mesmo C. S. Lewis disse isso) quando um cachorro gera um cachorro, o cachorro não é melhor que ele, apenas faz outro da mesma natureza então, portanto, não é melhor. É apenas processão ou algo assim. Como o senhor responderia a isso? Eles diriam que Deus é da mesma forma. Deus só pode gerar outro Deus.

Dr. Craig: No caso do cachorro gerar outro cachorro, ambos os cachorros são seres contingentes e são derivados de outro progenitor. Mas quando chegamos a Deus, o Pai é não originado. Ele é ingênito e incriado. O Filho, por contraste (embora seja incriado – ele não é uma obra) não é ingênito. Portanto, ele não tem o fundamento de sua própria existência em si mesmo. Ele só existe de maneira derivada. Minha preocupação é que isso o torna menos grandioso que o Pai porque é maior ter o fundamento do seu ser em si mesmo do que em outro. Não acho, como disse antes, que isso possa ser refutado com analogias. Você precisa lidar com a questão. É maior ser ingênito em seu ser do que derivado em seu ser? Se você acha que é, então acho que vai simpatizar com minhas dificuldades. Se acha que não é maior, então acho

que isso levaria a uma visão muito peculiar de Deus em que poderia haver mundos nos quais o próprio Deus é gerado ou deriva de outro – que ele não existe a se, por si mesmo.

Parece-me que a asseidade de Deus, ou existência própria, é absolutamente fundamental para quem Deus é. Então isso me parece ser uma perfeição. Essa é minha dificuldade aqui. Sim. James. Atrás, atrás de você.

Estudante: Bill. Sei que temos falado sobre isso nas últimas vezes, mas só quero apontar algo aqui. Vou ler algo do Credo Atanasiano que é um pouco mais desenvolvido que o Credo Niceno. Vou ler rapidamente as linhas 25 a 27: E nesta Trindade nenhum é antes ou depois do outro; nenhum é maior ou menor que o outro. Mas as três Pessoas inteiras são coeternas e coiguais. De modo que em todas as coisas, como foi dito anteriormente; a Unidade na Trindade, e a Trindade na Unidade, deve ser adorada. Acho que o problema com o modelo que o senhor está propondo ao dizer que o Pai é maior que o Filho...

Dr. Craig: Essa é uma visão com a qual estou discordando.

Estudante: Ah, está?

Dr. Craig: Estou dizendo que, na minha visão, há três pessoas coiguais como o credo que você leu declara. Bem, o que me preocupa é que, na visão nicena, o Pai é maior que o Filho, embora seus defensores negassem isso.

Estudante: Ah, entendi o que você está dizendo. Eu ia dizer que, se isso realmente fosse o caso nas Escrituras, você veria uma posição mais elevada do Pai do que do Filho. Seria como quando oramos, diríamos algo como “Oramos a Deus Pai, e por último, mas não menos importante, também oramos ao Filho.” Você nunca oraria assim.

Dr. Craig: Ou adoração! E quanto à adoração?

Estudante: Exatamente. Isso é o que estou dizendo.

Dr. Craig: A adoração seria dirigida ao Filho ou somente ao Pai? Quero ter uma cristologia tão elevada quanto possível. Cristologia é a doutrina de Cristo. Vamos falar sobre isso mais adiante. Acho que queremos exaltar e engrandecer Cristo o máximo que pudermos. As Escrituras falam dele como Deus. É isso que acho tão inquietante sobre esse elemento de subordinacionismo que a doutrina do Logos parece introduzir.

Discussão: liberdade e papéis na salvação

Estudante: Uma pergunta rápida sobre a distinção entre ontológico e econômico. Minha pergunta é: se o econômico é verdadeiro, qual a base para escolher qual seria subordinado, por assim dizer, ao outro? Se o ontológico é verdadeiro, que todos são coiguais, então como foi decidido, por assim dizer, quem seria subordinado a quem na visão econômica? Isso me parece arbitrário.

Dr. Craig: Certo, parece-me que isso é uma escolha arbitrária. Deus tem liberdade de vontade para escolher arbitrariamente qual pessoa desempenhará qual papel, certo?

Estudante: Certo. O Logos poderia ser o Pai, ou o Espírito Santo poderia ser o Filho. Tudo poderia ser apenas arbitrário.

Dr. Craig: Acho que essa é a essência do livre arbítrio – escolher arbitrariamente entre duas opções completamente semelhantes.

Estudante: Com essa visão, então, as três pessoas da Divindade precedem eternamente e por qualquer razão havia um Deus trino. Correto?

Dr. Craig: Sim, há e houve e sempre haverá.

Estudante: Estamos dizendo que houve um conselho das pessoas? O papel delas sempre foi o papel delas? Ou houve de fato uma decisão sobre quem se submeteria para ser colocado em um corpo humano e cumprir o papel da salvação e também o Espírito Santo? Nessa visão, é um pouco perturbador porque soa como se houvesse três deuses e eles estivessem tomando uma decisão. É que os papéis deles foram determinados eternamente no passado?

Dr. Craig: Você disse “eternamente” ou “internamente?”

Estudante: Escolha um! [risos]

Dr. Craig: Ok. Eu escolho “eternamente.” Deixe-me abordar o que você disse. A visão de Marcelo era que isso foi uma decisão temporal tomada em algum momento do passado finito, como no momento da criação. Não me sinto confortável com essa visão. Parece-me que, em virtude da presciência divina do futuro, as três pessoas saberiam desde a eternidade quais papéis desempenhariam, e que, portanto, não há razão para dizer que a Trindade econômica foi decidida em algum momento há um número finito de anos. Essa é uma espécie de decisão eterna da parte de Deus, mas é uma decisão livre. Não é uma decisão que ele teve que tomar. Certo.

Estudante: Obrigado.

Discussão final e bênção

Dr. Craig: Talvez haja tempo para mais uma pergunta de alguém que ainda não fez nenhuma, Denis?

Estudante: Quanto apoio a ideia de Marcelo tem hoje entre os teólogos?

Dr. Craig: Eu não sei. Isso simplesmente não é muito discutido. Eu realmente não sei. Deveria apresentar um artigo sobre isso na conferência da Sociedade Teológica Evangélica algum dia e ver se isso gera uma tempestade de controvérsias ou se encontra muita ressonância. Eu não sei.

Estudante: E eu tinha só outra ideia incomum sobre o que estávamos falando agora. Os membros ontológicos da Trindade poderiam ter se revezado sendo Jesus?

Dr. Craig: Isso me parece mais problemático à luz da ressurreição de Jesus e ascensão ao céu. Ele sempre tem o mesmo corpo. Uma pergunta interessante seria: suponha que haja vida inteligente extraterrestre em algum outro planeta, em alguma outra galáxia, e eles caíam em pecado, e Deus queira ter uma encarnação ali para redimi-los e resgatá-los. Um dos outros membros da Trindade poderia ter se encarnado naquele mundo para salvar aquele povo? Talvez haja um salvador Klingon que seja um membro da Trindade. Eu não sei! Bem, agora estamos realmente extrapolando os limites! Vamos encerrar com uma bênção. Na próxima vez,

oferecerei um argumento de plausibilidade para a veracidade da doutrina da Trindade. E agora, que Deus Pai Todo-Poderoso e seu amado Filho, Jesus Cristo, e o poderoso e inspirador Espírito Santo operem em nós nesta semana para cumprir toda a sua vontade e nos aperfeiçoar em justiça. Amém.

Referências

Hilário de Poitiers, Sobre a Trindade (De Trinitate), 9.54 e 9.56.

Gregório de Nazianzo, Quarta Oração Teológica (Oração 30), §7. <https://www.newadvent.org/fathers/310230.htm>

Credo Atanasiano, linhas 25-27, conforme leitura do aluno na aula.

Notas editoriais da revisão

[1] As duas citações atribuídas a Basílio nesta passagem encontram-se na Quarta Oração Teológica (Oração 30), §7, de Gregório de Nazianzo.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2016 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 22/10/2026.

Fonte original:

<https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-doctrine-of-god-trinity/doctrine-of-god-trinity-part-10/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-trindade-parte-10/>